

A RELAÇÃO SUJEITO E ESPAÇO NA ANTIGUIDADE EGÍPCIA: PERCEPÇÃO RELIGIOSA DO REINO ANTIGO E O ENSINO DE HISTÓRIA¹

Alan Cristian Freitas Trindade², Alexandre Galvão Carvalho³

RESUMO

O presente trabalho visa analisar, a partir do conceito de Espaço Absoluto de Henri Lefebvre, as relações entre sujeito e espaço na antiguidade egípcia no processo de construção e consolidação de sua percepção religiosa, em particular durante a era do Reino Antigo no terceiro milênio (3200 - 2423 a.C.). Ao evidenciar a construção gradual de uma religiosidade que partia de pressupostos materiais e cosmogônicos, é possível compreender a interação do homem com a natureza, que influía não somente na manutenção de sua subsistência material, mas também fornecia ferramentas para a compreensão de sua própria existência, alçada sobre a perspectiva religiosa da realidade concreta. As narrativas encontradas nos mitos, especulações da natureza, envoltas de caráter intuitivo, não ignoravam a realidade, mas sim tentavam torná-la inteligível, explicando-a e ordenando-a. A solarização da paisagem a partir da materialidade da figura das pirâmides e a influência do Nilo constituem a hipótese cervical deste trabalho.

A percepção dos fenômenos naturais feita pelo homem antigo se distingue de uma mera especulação ordinária e ociosa, pelo fato de que em momento algum se desprende da experiência, e sim busca explicá-la e se integrar a ela. Assim, nesta pesquisa, busca-se preencher lacunas historiográficas e discutir a importância da dimensão espacial no ensino de história, desconstruindo e combatendo qualquer perspectiva que retire do âmbito social os elementos espaciais presentes na antiguidade. Além disso, repensa-se o papel dos sujeitos na natureza, não somente como reféns da mesma, mas enquanto agentes que estavam em constante movimento e transformação num espaço dotado de sociabilidade, dualidade, identidade, contradição e cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Antigo Egito, História Antiga, Produção do Espaço, Religião.

THE RELATIONSHIP BETWEEN SUBJECT AND SPACE IN ANCIENT EGYPT: RELIGIOUS PERCEPTION IN THE OLD KINGDOM AND HISTORY TEACHING

ABSTRACT

This research aims to analyze, based on Henri Lefebvre's concept of Absolute Space, the relationship between subject and space in ancient Egypt during the Old Kingdom (3200 - 2423 BC). By highlighting the gradual development of religiosity rooted in material and cosmogonic assumptions, it becomes possible to understand the interactions of humans with nature, which influenced both their maintenance of material subsistence and their understanding of concrete reality from a religious perspective.

¹ Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB)

² Graduando em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e membro do Laboratório de Ensino e Historiografia da Antiguidade e do Medieval (LEHAM). email: crizalan14@gmail.com

³ Orientador, professor pleno do Departamento de História da UESB, Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e coordenador do LEHAM. email: alexandre.galvao@uesb.edu.br

The narratives found in myths, which reflect intuitive speculations about nature, did not ignore reality but sought to make it intelligible, thus, the solarization of the landscape through the materiality of the pyramids and the influence of the Nile forms the central hypothesis of this work.

The perception of natural phenomena by ancient Egyptians differs from mere and idle speculation; as it is never detached from experience, instead, it is rooted in experience itself and seeks to explain it. This research aims to fill historiographical gaps and discuss the importance of spatial dimension in history teaching, rethinking the role of social subjects in nature—not merely as captives, but as agents in constant movement within a space endowed with sociability, duality, identity, contradiction, and culture.

KEYWORDS: Ancient Egypt, Ancient History, Production of Space, Religion.

INTRODUÇÃO

Uma inquietação proeminente no que diz respeito ao ímpeto de pesquisar o recorte delimitado é a forma que a visão que comumente se tem acerca da antiguidade egípcia, em particular seus aspectos religiosos, sofre um esvaziamento em detrimento de uma visão fantasiosa e despregada do real. Nessa visão, a ação do sujeito social no processo de apropriação, transformação e produção de seu espaço, aparece de forma suprimida. O que se pretende através da pesquisa aqui posta é o resgate da latência desse sujeito e suas reverberações no processo referido.

O sujeito egípcio em seu processo de sacralização do espaço deifica aspectos da natureza, e esses deuses podem ser compreendidos enquanto uma expressão de sociabilidade advinda de quem os produz (Marx, 1982), logo, o devir religioso está intimamente ligado com os aspectos sociais e materiais dos antigos egípcios. É importante compreender que o espaço só é dotado de sentido quando construído socialmente, a dimensão espacial é inerente à relação social. (Pina, 2017)

Na antiguidade egípcia é possível identificar pontos em que os humanos interagiam entre si e com a natureza para a construção de suas estruturas político-religiosas que perduraram por eras, sofrendo transformações, rupturas e continuidades. Tal característica se alinha com a segunda competência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que infere a compreensão da historicidade e sua dimensão espacial, bem como a habilidade EF06HI05, que trabalha com as modificações na natureza feitas por diferentes tipos de sociedade. Logo, é um eixo central para o entendimento do processo histórico, tendo em mente que as relações do homem com a natureza são estabelecidas a partir da ação, e resgatar sua importância é imprescindível.

MATERIAIS E MÉTODOS

No que diz respeito aos materiais utilizados, como o recorte temporal do trabalho é o Reino Antigo, as fontes são provenientes dos artefatos arqueológicos, papiros e estelas traduzidas por egiptólogos ao longo dos anos. Partindo dessa premissa, o enfoque é dado aos Textos Piramidais, tradução de James Peter Allen, fragmentos da Pedra de Palermo, traduzidas por Toby A.H Wilkinson, e também a Estela da Fome, traduzida por Paul Barguet. O recorte espacial específico será o da cidade de Heliópolis, capital do XIII nomo do Baixo Egito e um dos pólos cosmogônicos da cronologia referida, na qual emergiu o culto solar (Baines, 1997).

Foi feito um levantamento de fontes secundárias e primárias. As fontes secundárias consistiram de livros e artigos que versavam sobre o tema. As fontes primárias foram os Textos das Pirâmides, a Pedra de Palermo e a Estela da Fome. Após o levantamento de dados, procedeu-se o tratamento das fontes por meio de fichamentos temáticos, seguidos do cruzamento de dados a partir do relacionamento entre os diversos títulos das fichas temáticas. Definida a hipótese do trabalho, foi utilizado o materialismo histórico e dialético como base teórica. Os temas destacados no trabalho foram: o espaço, religiosidade, mitos e ideologia. Os últimos três elementos, ainda que partam do campo do imaginário, exercem força de transformação e interferência direta na realidade concreta de um grupo de sujeitos, fazendo com que sua potencialidade seja material, pois é a partir do concreto (que, nesse caso, é o espaço, a natureza) que os sujeitos transformam a realidade e formam conceitos para sua organização político-religiosa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a análise das fontes e em diálogo constante com a bibliografia trabalhada, foi possível observar que a questão basilar ao se discutir a percepção e produção espacial de um ou mais sujeitos, é reconhecer que esses espaços não são percebidos e vividos de forma uniforme, pois não são e nunca foram uniformes e homogêneos os agrupamentos sociais humanos. De tal forma, se conclui que o espaço não é uniformemente vivido (Campagno; Cardoso, 2011). Seguindo o mesmo raciocínio, diferentes âmbitos sociais modelaram diferentes perspectivas de perceber o espaço.

Segundo os textos piramidais (Allen, 2015), o surgimento da humanidade é posterior ao dos deuses, estes que surgiram através da Enéade de Heliópolis. No início, as forças cósmicas estavam desordenadas, ideia diretamente atrelada ao “caos”, tal como as águas que o representavam. E das águas do Nun, o oceano

primordial, também desordenado, surge um pico intitulado “benben”, o monte da criação. De lá, emerge Atum-Rá, uma das personificações do Sol, este, por sua vez, gera os outros dois deuses; Shu e Tefnut (o ar e a umidade da atmosfera), que por sua vez dão origem a Geb e Nut (a terra e o céu).

É importante pontuar que tais deidades não atuam enquanto portadores dos domínios de tais elementos da natureza, mas representam o próprio elemento personificado em sua figura divina (FIGURA 1). De Geb e Nut, surgem Osíris, Ísis, Sét e Néftis, compondo então a enéade (agrupamento de nove deuses). No que se refere à estela da fome, a mesma se refere a um episódio que fora documentado, retratando as consequências de um período de seca e insuficiência da cheia do Nilo. A estela foi redigida na era ptolomaica, entretanto, narra os eventos que ocorreram séculos antes, na dinastia de Djoser, no Reino Antigo. (Pires, 2015)

CONCLUSÕES

Lefebvre atribui à antiguidade o conceito de espaço absoluto, uma elaboração na qual o sujeito ao interagir com a natureza, a deifica no processo. Os dois principais elementos cosmogônicos do Antigo Egito são o Sol e o Nilo. O sol exerceu sua influência nos mitos de origem, como a figura de Atum-Rá que organiza o espaço mítico, postulando sua presença até mesmo em pirâmides, enquanto o Nilo delimita a tenuidade entre a vida e a morte no deserto, tendo sua característica de movimento deificada: a cheia. A criação do seu mundo era concebida como uma réplica do ciclo do Nilo. Quando presente e suficiente, a água simboliza não só a vida, mas vida em ordem, onde Maat reina. A ausência ou insuficiência da cheia representa o caos, assim como as águas primordiais. Entretanto, essa característica do Nilo não o isenta de ser também percebido como temível. A falta ou demora das cheias introduz o caos e a desordem social, vide a estela da fome e os dados contidos na Pedra de Palermo, que possui dados acerca dos períodos de inundação do Nilo. (Lopes; Pires, 2020)

É importante que o espaço (social, em sua gênese), apareça povoado (Lefebvre, 2000). Este espaço é produzido a partir da experiência concreta dos indivíduos, logo, não é correto empregar o papel de passividade ao espaço, que por sua vez, é constituinte do processo histórico, num movimento de produção e reprodução.

Um dos maiores desafios do ensino de História é justamente tecer pontos de ligação que façam o aluno compreender a importância e o sentido de se estudar o passado. Aqui, tal sentido é atribuído justamente na percepção espacial do sujeito

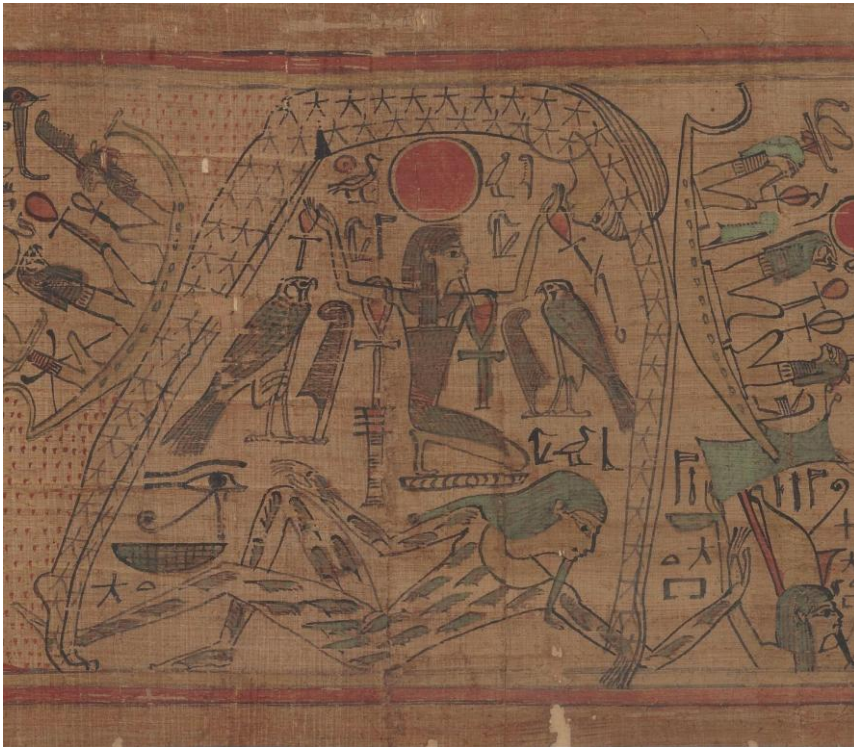
social na antiguidade e a forma que o mesmo se apropriou socialmente da natureza, produzindo sua identidade e percepção político-religiosa no processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALLEN, James P. **The Ancient Egyptian Pyramid Texts**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2015.
2. BAINES, John; MALEK, Jaromir. **Deuses, templos e faraós: Atlas cultural do Antigo Egito**. Edições del Prado, 1997.
3. BARGUET, P. **La Stèle de la Famine à Séhel**. Le Caire: IFAO, 1953.
4. BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
5. CAMPAGNO, Marcelo. **Notas sobre espacio, tiempo y alteridad en el Antiguo Egipto**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; OLIVEIRA, Haydes (orgs.). Tempo e espaço no Antigo Egito. Niterói: UFF, 2011.
6. LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. (do original: La production de l'espace. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000).
7. LOPES, Maria Helena Trindade; PIRES, Guilherme Borges. **"Sacred Space in Ancient Egypt: some observations and remarks from The Great Hymn to the Nile and The Tale of Sinuhe"**. In: MARAVELIA, Alicia; GUILHOU, Nadine (orgs.). Environment and Religion in Ancient and Coptic Egypt: Sensing the Cosmos Through The Eyes of the Divine. Oxford: Archaeopress, the Hellenic Institute of Egyptology, 2020.
8. MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. 2ª Tese, in Marx Engels Obras Escolhidas, vol. I, trad. Álvaro Pina. Edições Avante, Lisboa, 1982
9. PINA, Carolina. **Os mapas e o ensino de história**. In: III Seminário Internacional História do Tempo Presente, 2017, Florianópolis.
10. PIRES, Guilherme Borges. **Sentir e narrar o sagrado: em torno da sacralização do(s) espaço(s) aquático(s) e terrestre(s) no Egipto Antigo**. 2015. Dissertação (Mestrado em História - Área de Especialização em Egiptologia) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Nova Lisboa, Lisboa, 2015.
11. WILSON, Toby H. **Royal Annals of Ancient Egypt**. 1. ed. Londres: Routledge, 2000.

Tabelas e Figuras:

FIGURA 1: A cosmogonia egípcia: Nut, Shu e Geb



Fragmento do Papiro Mitológico de Tanytamon. *Egyptien 172. Bibliothèque nationale de France, département des manuscrits.* Disponível em: <https://archivesetmanuscrits.bnf.fr/ark:/12148/cc57415q/ca19792528>. Acesso em 20/09/2024